

Fake news sabotaram vacinação no Império

Governo começou a vacinar população brasileira poucos anos depois da descoberta da imunização. Medo e desinformação, porém, faziam pessoas fugirem dos vacinadores

Ricardo Westin

O BRASIL ACABA de perder o certificado de país livre do sarampo. Após passar quase duas décadas registrando alguns poucos casos importados da doença, o país contabiliza neste ano 5,4 mil doentes e seis mortos. Uma das razões da volta do sarampo, segundo especialistas, é a desinformação dos pais, que têm caído em fake news que acusam a vacina de ser perigosa para os filhos. Dos seis mortos, quatro eram bebês que não haviam sido vacinados.

O medo das vacinas não é novo no Brasil. É até mais antigo do que a célebre Revolta da Vacina, de 1904. O país viveu um drama sanitário do mesmo tipo no decorrer do século 19. A doença em questão era a varíola. Apesar de dom João VI, dom Pedro I e dom Pedro II terem oferecido a vacina gratuitamente aos súditos, muitos fugiam dos médicos vacinadores, o que contribuía para que as epidemias fossem recorrentes e devastadoras.

Documentos do Arquivo do Senado mostram que a baixa adesão dos brasileiros à vacinação contra a varíola foi um problema que atormentou os senadores do início ao fim do Império.

— Em Santa Catarina, tem morrido para cima de 2 mil pessoas — discursou em 1826 o senador João Rodrigues de Carvalho (CE), citando a província da qual fora presidente (governador). — Eu estabeleci ali a vacina, deixando-a encarregada a um cirurgião hábil, mas quase ninguém compareceu. Os povos estão no erro de que a vacina não faz efeito. Quando o interesse público não se identifica com o interesse particular, nada se consegue.

Por causa das bolhas que se espalhavam pelo corpo, a doença era popularmente chamada de “bexigas”. Mesmo nos casos em que a varíola acabava não sendo letal, os “bexiguentos” pouco comemoravam. Após secar, as bolhas costumavam deixar cicatrizes que deformavam o rosto para sempre.

— As bexigas são um dos maiores flagelos que devastam a humanidade — afirmou, também em 1826, o senador Antônio Gonçalves Gomide (MG). — Na minha província, foram tantas as mortes, que o arraial da Pas-



Charge inglesa de 1802 mostra pessoas ganhando características de vaca após serem vacinadas

sagem ficou reduzido à metade. Isso não pode ser senão por desleixo, ao menos depois de haver um específico [a vacina] tão seguro.

Os senadores Carvalho e Gomide discursaram pedindo a aprovação de um projeto de lei que autorizaria o governo a aplicar mais verbas na vacinação. O dinheiro, mais especificamente, custearia as gratificações dos vacinadores. A liberação dos recursos foi aprovada pela Câmara e pelo Senado.

Proteção natural

A vacina era uma descoberta recente. Em 1796, na Inglaterra, o médico Edward Jenner observou que camponeses que ordenhavam vacas infectadas e contraíam a varíola bovina — uma variação inofensiva da doença — passavam a sair ilesos dos surtos de varíola humana. Ele, então, decidiu inocular em pessoas saudáveis o pus das bolhas da vaca e comprovou o seu poder protetor. Jenner batizou o pus bovino de “vacina”, uma derivação da palavra latina *vacca*.

No entanto, parte da população tinha pânico da vacina. Um dos medos era que a imunização, em vez de evitar, desencadeasse a varíola e levasse à morte. Reforçava esse temor o fato de o vacinado desenvolver uma bolha, ainda que superficial e inofensiva, no local da inoculação. Outro medo era que a vacina transmitisse doenças bovinas para as pessoas.

Há relatos de mães que escondiam os filhos debaixo da cama ao ouvir o vacinador bater na porta e até de populações inteiras que fugiam de povoados quando a campanha de vacinação chegava. Inclusive no Senado se encontrava desinformação.

— Eu não sei se a medicina já decidiu esta importante questão: se a vacina prejudica a saúde futura dos meninos — discursou o senador Visconde de Jequitinhonha (BA) em 1862.

— É uma questão decidida há muitos anos — respondeu, indignado, o senador Cruz Jobim (ES), que era médico e defensor ardoroso da vacina.

— Decidida em que sentido? — devolveu Jequitinhonha. — Li ainda

outro dia dúvidas acerca disso.

Foi a deixa para que Cruz Jobim desse uma palestra aos colegas:

— Na opinião dos inimigos da vacina, ela dá ocasião ao desenvolvimento de muitas outras moléstias que aumentam a mortalidade dos povos. Semelhante opinião é gratuita e infundada. Nenhuma dúvida há de que o preservativo é de grande vantagem. Há 20 anos, tendo aparecido a bexiga em uma horda de selvagens no Canadá, mais de 20 mil morreram. Estamos muito longe de observar cenas horrorosas como essas nos países onde a vacina está em prática. Para que caluniá-la? Para que atribuir-lhe males que ela não produz?

Não se pode colocar toda a culpa na ignorância da população. A ciência da época não conseguia explicar como a vacina protegia as pessoas. Edward Jenner fez sua descoberta a partir de meras observações empíricas. Na falta de uma explicação científica plausível, muitos médicos condenavam a imunização. Entre eles, estava o português Heliodoro Carneiro Jacinto de Araújo, que em 1808 escreveu um livro repleto de ataques à vacina. A obra, lançada em Lisboa, ajudou a disseminar o medo na Colônia.

Além disso, espalhavam-se mentiras propositalmente. Na vila de Paracatu (MG), em 1832, o início de uma campanha de vacinação fez a população apedrejar a casa do presidente da câmara municipal (cargo hoje equivalente ao de prefeito) e quase linchá-lo. Essa pequena revolta da vacina estourou por causa de bilhetes e folhetos que informavam que a intenção do político com a imunização era matar as pessoas. Mais tarde, descobriu-se que as notícias falsas haviam partido do juiz de Paracatu, que era inimigo declarado do presidente da câmara.

Três décadas antes, dom João VI havia feito seus filhos serem vacinados em público, justamente para dissipar o temor dos súditos portugueses. O príncipe regente conhecia bem a devastação da varíola. Ele havia perdido dois irmãos, um genro e um filho para a doença. Sua mulher, dona Carlota Joaquina, era uma sobrevivente que

carregava no rosto as cicatrizes indelévels das bexigas — o que ajuda a explicar a fama de feia.

Em 1811, apenas três anos depois de se mudar para o Brasil, dom João VI criou a Junta de Instituição Vacínica da Corte, destinada a executar a imunização em massa no Rio de Janeiro e a enviar a vacina para as províncias.

Edward Jenner havia ido ainda mais longe. Ele descobriu que a bolha benigna que se formava no local da inoculação também continha o pus protetor contra a varíola. Assim, cada indivíduo vacinado também se tornava produtor da vacina. Oito dias após a imunização, a pessoa se apresentava novamente ao vacinador, para que ele furasse a sua bolha e inoculasse esse pus em outras pessoas. O processo se chamava vacinação braço a braço.

A reapresentação oito dias depois era importante também para que se verificasse se a pessoa havia mesmo sido imunizada. A ausência de bolha no braço era sinal de que o vírus não fora inoculado adequadamente, o que exigia uma nova vacina. O problema é que muita gente simplesmente não voltava ao vacinador. Assim, pessoas que acreditavam estar imunizadas acabavam sendo pegadas pela varíola. Esse tipo de situação reforçava a crença de que a vacina não funcionava.

Um decreto assinado por dom Pedro II em 1846 tornou a vacinação obrigatória no país, mas a norma foi praticamente letra morta. Por isso, em 1871, o senador Cruz Jobim apresentou um projeto de lei que previa uma multa de 200 mil réis para o chefe de família que deixasse de vacinar seus filhos e escravos. Toda pessoa que morresse de varíola teria o corpo examinado, para saber se tinha a marca da vacina.

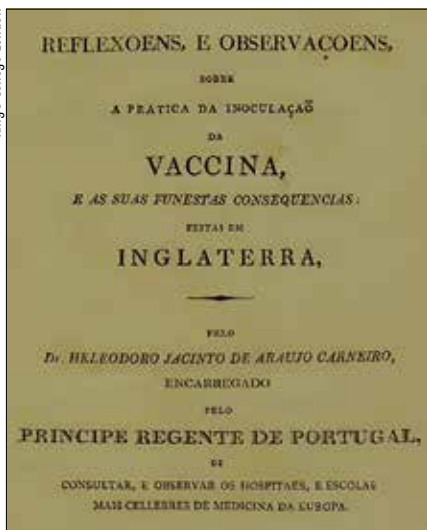
Chamado ao Senado para tratar da questão, o primeiro-ministro Marquês de Olinda jogou um balde de água fria no projeto de Cruz Jobim e afirmou aos senadores que seria impossível fechar o cerco contra aqueles que escapavam da vacinação obrigatória:

— Na Inglaterra e na França, pode executar-se o rigor em razão da aproximação da população à roda das autoridades. Assim mesmo, escapam muitos. Mas nós sabemos bem que não é possível executar isso nas nossas capitais e muito menos no interior.

O projeto de 1871 não foi aprovado. A varíola ainda matava brasileiros por mais um século. Em 1959, a Organização Mundial da Saúde (OMS) iniciou uma campanha internacional de erradicação por meio da vacinação em massa. A varíola desapareceu do Brasil em 1971. Em 1980, a OMS declarou que o mundo estava finalmente livre da doença, e a vacina deixou de ser aplicada. Entre 1900 e 1979, a varíola matou 300 milhões de pessoas em todo o planeta.

SAIBA MAIS

Estudo sobre a vacinação contra a varíola no Império: <http://bit.ly/vacinalmpério>



Livro de 1808 em que o médico português Heliodoro de Araújo fez críticas à vacina